

AUTOR DO BESTSELLER DE SUCESSO MUNDIAL *ÀS CEGAS*

INSPEÇÃO

A VERDADE VAI LIBERTÁ-LOS...
E CONDENÁ-LOS.

JOSH
MALERMAN

«Um cruzamento improvável e provocador
entre *1984* e *O Deus das Moscas*.»

Kirkus Reviews

TOP
SEL
LER

Para a Allison

*A artista, a atleta, a modelo, a máscara.
O espírito que busco quando pego na garrafa.*

PARTE 1

OS RAPAZES-ALFABETO

Bom Dia na Família!

Nunca houve nenhum rapaz que falhasse na Inspeção. Por este motivo, J não sentiu qualquer ansiedade quando a porta de aço rangeu ao abrir-se diante dele, quando os rostos da Família espreitaram para fora, quando os Inspetores se posicionaram ao longo da parede mais afastada, cada um com a mão pousada na lupa que tinham presa ao cinto. J fizera aquilo todas as manhãs da sua vida, desde que se lembrava, e, apesar das teorias de Q sobre *potencialidades* e *probabilidades* (a ideia de que alguém teria de falhar um dia para justificar uma vida inteira de Inspeções), não tinha dúvidas nem medo.

— Entra, J — disse Collins. Collins, o Inspetor mais arrogante, mais velho e mais corpulento de todos.

O homem cheirava a livros velhos. A barriga pendia de tal forma por cima do cinto, que D costumava dizer em tom de brincadeira que ele mantinha um Rapaz-Alfabeto ali escondido. *É de onde nós viemos*, dissera D. Mas todos os Rapazes-Alfabeto sabiam que tinham vindo do Pomar, que tinham crescido das Árvores da Vida.

— Vamos lá — disse Collins. Era quase surpreendente que as palavras conseguissem atravessar a barreira do bigode castanho denso do homem.

J sabia que o Inspetor não falava por si.

O P.A.I. devia ter dado o sinal de que estava na altura de começar.

Ao som dos risinhos de L, D e Q atrás dele, J entrou e despiu o pijama, que dobrou e pousou cuidadosamente na mesa de aço junto à porta da Sala de Exames. Quando a porta estava a fechar-se atrás

de J, D gritou: «Devias ter tomado banho, J!» e J apontou para ele, o gesto dos Rapazes-Alfabeto que significava *És mesmo estúpido, mano*.

A porta fechou-se e, tendo arrumado cuidadosamente as roupas, J avançou para as bases de borracha em forma de pés, no chão frio de aço. O inverno estava a chegar, talvez chegasse logo no dia seguinte. E embora J gostasse tanto do Evento da Efigie como os seus irmãos, gostava de se abrigar do frio. A Sala de Exames era tão gélida como todas as outras salas da Torre que conhecia.

— Vira-te — disse o Inspetor Collins.

Ele e Jeffrey observavam-no de longe, o que era sempre a primeira etapa da Inspeção matinal. Os cães respiravam pesadamente do outro lado da porta de vidro atrás dos homens. J virou-se para a esquerda. Ouvia o couro do casaco vermelho do P.A.I. a esticar-se. O homem, ainda fora do alcance da vista, devia ter cruzado os braços ou ter-se reclinado na cadeira.

Os invernos do lado de fora da Torre eram brutais. Alguns anos eram piores do que outros. J, que estava quase a fazer 13 anos, bem como os seus 23 irmãos, vivera 12 invernos. E com a chegada de cada um, o professor Gulch avisara os rapazes da depressão. A solidão que advinha de estarem presos dentro de uma torre com dez andares, quando o Pomar e o Jardim gelavam, quando até os pinheiros pareciam incapazes de sobreviver àquele frio.

Histeria, pensou J. Abanou a cabeça, tentando afastar aquele pensamento. Era uma palavra que não gostava de deixar existir na sua mente. Era como se aquelas quatro sílabas tivessem as mesmas características que as Rotts e Moldus, Veas e Placadores. As doenças que os Inspetores procuravam ao examiná-lo naquele preciso momento.

— Vira-te.

Era Collins outra vez. A sua voz áspera era parte integrante da Sala de Exames. Como o som de pratos no refeitório. Ou o coro das vozes dos seus irmãos na Sala dos Corpos.

— Está frio — disse J, virando-se de costas para os Inspetores, agora voltado para a porta fechada.

A Sala de Exames era frequentemente fria; tinha brisas invisíveis, como se as paredes sólidas de aço fossem uma mera ilusão,

e os reflexos distorcidos apenas desenhos trémulos ao vento. J imaginou uma abertura algures, uma fenda naquelas paredes, que deixava entrar o frio do inverno iminente. J pensou que fazia lembrar o consultório do veterinário do livro *Cães e Dias de Cão*, de Lawrence Luxley. O brilhante autor descrevera muito bem as reações dos pobres animais:

Desagradável, frio, era como se o doutor Grand o tivesse feito assim intencionalmente, para os cães entenderem a gravidade das suas visitas. E ainda assim, apesar do ambiente pouco acolhedor, os cães entendiam que aquela sala era boa para eles. Que a sua vida dependia daquelas visitas regulares. Alguns deles até conseguiam conter os seus instintos mais básicos... os que lhes diziam para fugir.

J memorizara todos os livros de Lawrence Luxley. O mesmo era verdade em relação a muitos dos Rapazes-Alfabeto.

— Vira-te.

J obedeceu. Obedecera sempre. A rotina das Inspeções estava tão enraizada no seu ser como o hábito de mastigar antes de engolir.

E quando se virou pela terceira vez, viu-se frente a frente com o P.A.I.

Um arrepio percorreu-lhe o corpo, como acontecia sempre, há 12 anos, da primeira vez no dia em que via o P.A.I.

O casaco e calças vermelho-vivo eram como um fogo quente na fria Sala de Exames. Ou como o sol nascente.

— Dormiste bem, J?

Era a voz do P.A.I. Sempre direto, sempre atlético. J não era o único Rapaz-Alfabeto a associar a voz do homem à ideia de força. Conforto. Segurança. Sabedoria.

— Na verdade, não — respondeu J, com a sua voz de rapaz de 12 anos uma oitava mais grave do que era apenas no ano anterior. — Tive um sonho terrível.

— Não me digas? — Os olhos cor de avelã do P.A.I. brilharam naquele rosto com barba negra e emoldurado por um cabelo

igualmente negro. J tinha cabelo negro. Tal como o seu P.A.I. — Estou intrigado. Conta-me o teu sonho.

— Vira-te — disse Collins. E J virou-se novamente para os Inspectores e para os cães.

Agora sem ver o rosto do P.A.I., a cor vermelha apenas uma mancha visível pelo canto do olho, J contou-lhe a sua luta inconsciente. Perdera-se num jardim quatrocentas vezes maior do que aquele que frequentava todos os dias. Descreveu o horror de não conseguir encontrar o caminho de volta para a Torre.

— Perdeste-te? — repetiu o P.A.I. O interesse patente na sua voz era tão claro para J como o som subtil das suas luvas de couro a dobrarem-se em volta do lápis.

Sim, contou J, sim, sentira-se perdido no sonho. Por algum motivo, afastara-se demasiado da Torre e da Família que esta continha. Não se lembrava ao certo de como acontecera — os pinheiros que rodeiam o Jardim não estavam presentes no sonho. Mas não tinha dúvida de que estava muito ansioso por regressar. Conseguia ouvir os amigos, Q, D e L a chamarem ao longe, mas não via os tijolos cor de laranja da torre. Não conseguia ver as agulhas de ferro que emolduravam o beirado do telhado, como uma fileira solitária de dentes. Dentes por entre os quais J e os outros Rapazes-Alfabeto tinham olhado muitas noites, quando arranjavam coragem suficiente para se esgueirarem para o telhado. Também não conseguia ver o pináculo, o único dente de ferro que apontava para o céu, como uma presa. Tinham desaparecido os hectares finitos do Jardim, a extensão de relvado verde que o separava da Torre. E o mesmo era verdade em relação aos reflexos nas muitas janelas estreitas e altas dos diversos pisos. No seu lugar havia apenas uma extensão interminável de erva verde.

E névoa.

— Bem, o inverno *está* a chegar — disse o P.A.I. A sua voz revelava controlo. Sempre. Orientação. Solução. Ordem. — Nem conseguias ver a presa, hã? Nem o menor vestígio da Família. O mínimo sinal de *casa*.

J pensou na porta amarela no telhado, visível do Jardim lá em baixo. Pensou nos tijolos sólidos cor de laranja e em como, nos dias de verão, a Torre parecia um nascer do sol.

— Não — disse ele, abanando a cabeça, fitando os rostos impassíveis dos Inspetores, que tateavam em silêncio a lupa que usavam presa ao cinto. Agora, aos 12 anos, J percebeu algo que não percebera quando tinha apenas 11: as Inspeções não começavam quando os Inspetores pegavam na lupa, começavam assim que ele passava pela porta.

— Deves ter tido muito medo — continuou o P.A.I. A sua voz era paternal. Era administração. Sempre. — Mas diz-me, chegaste a *encontrar* a Torre antes de acordares?

J ficou em silêncio por momentos. Coçou o cotovelo direito com a mão esquerda.

Histeria, pensou novamente. Cerrou os punhos, como se fosse afastar fisicamente aqueles pensamentos. O professor Gulch ensinava Psicologia e frisara frequentemente as muitas maneiras de a mente de um rapaz poder voltar-se contra ele: mania, défice de atenção, perseguição, dissociação da realidade, depressão e histeria. Para J, tudo isso soara como impossibilidades distantes. Doenças que estudavam só porque sim. Não tinha certamente medo de um dia vir a experienciar um desses estados mentais. E, no entanto, ali estava ele... aos 12 anos... e que outra explicação poderia haver para as emoções novas e desconhecidas que tinha vindo a sentir recentemente? O que diria Gulch da sensação de isolamento, de estar incompleto, que tinha quando olhava para o outro lado do Jardim, para a entrada das muitas fileiras de árvores do Pomar? Onde cresciam as Árvores da Vida?

O rapaz recordou a sua infância, como se estivesse a olhar através de um copo sujo de restos de leite. Incapaz de responder a uma pergunta simples: De onde vim?

Mais uma frase de Lawrence Luxley. Muito engraçada, como lhe diria Q.

Mas não, pensou J, ali na Sala de Exames. Não estava a tentar responder a essa pergunta. Nunca nenhum rapaz conseguira determinar em qual das cerejeiras do Pomar crescera. E tanto quanto J sabia, também não se importavam.

Pois não?

— Não — respondeu J, por fim. — Nunca cheguei a encontrar o caminho de casa. — Ouviu novamente o lápis a raspar no papel e conseguia imaginar facilmente os olhos brilhantes e científicos do P.A.I. a lerem as palavras que escrevera.

Tal como todos os Rapazes-Alfabeto, J sentia-se honrado sempre que o P.A.I. tomava nota do que ele dizia.

— E quando acordaste? — perguntou o P.A.I. Não precisou de terminar a frase. A pergunta era clara.

— Pensei que tinha sido real. Pensei que ainda lá estava. Como se tivesse acordado no Jardim, na minha cama. Olhei para cima, devo ter visto o teto, mas pensei que era apenas mais nevoeiro. Demorei um minuto a perceber que estava no meu quarto. — Fez uma pausa. Imaginou o P.A.I. a afagar a barba com a mão enluvada. — Tudo isto aconteceu há poucos momentos, claro, porque foi a chamada para a Inspeção que me acordou.

— Claro — disse o P.A.I. — Agora diz-me... — continuou ele, e J soube qual iria ser a pergunta, antes mesmo de o P.A.I. a formular. — Tens alguma teoria que explique o que suscitou esse sonho?

Embora J já tivesse sentido uma vasta gama de emoções naquela sala, não estava preparado para a que o acometeu naquele momento.

Medo.

E de onde viera? Claro que sabia que a pergunta iria ser feita. Não tivera tempo para se preparar para ela? Seria por isso? Ou seria algo que Q caracterizaria como «mais profundo»?

Claro que J sabia qual era a resposta certa à pergunta do P.A.I. Mas, pela primeira vez na vida, não lhe apetecia dizer a verdade.

O choque daquela revelação não foi tão forte como o que se lhe seguiu imediatamente: a noção de que decidira mentir antes de entrar naquela sala e que simplesmente não o admitira perante si próprio.

Porquê? Porquê mentir?

Porque, imediatamente antes de ir deitar-se na noite anterior, muito depois de ter terminado os estudos, J vira alguém agachado atrás do Senhor Árvore, o salgueiro solitário que assinalava o fim do Jardim e o início do Pomar. Pareceu-lhe uma figura. Talvez fosse a forma como certos ramos desciam para o chão da floresta e outros o

atravessavam, mas na mente de J, o que tinha visto era mesmo uma pessoa.

Agachada.

Junto ao Senhor Árvore.

Na altura, J julgou que fosse A ou Z. Não sabia porquê.

E talvez isso fosse um bom motivo para mentir, disse a si mesmo. O P.A.I. e os Inspetores pensariam que estava louco se sugerisse tal coisa!

Um irmão morto escondido atrás de uma árvore a meio da noite. Como se isso fosse possível!

Olhou de Jeffrey para Collins e pensou que talvez os dois Inspetores conseguissem detetar a história oculta. Jeffrey ajustou a touca. Collins ajustou a faixa dourada que lhe atravessava o tronco, do ombro à cintura. J olhou para os cintos deles, como se aquele vidro pudesse penetrar-lhe a pele, como se pudesse determinar a pureza do seu coração. Até os cães pastores começaram a respirar pesadamente, e um deles, *Max*, inclinou a cabeça para o lado, como os cães fazem quando ouvem um som curioso.

Histeria. J não queria parecer louco. Não queria *estar* louco. Eram ramos e sombras, e mais nada. De certeza.

No entanto, mentir *era* uma espécie de traição. J sabia-o. Quando eram pequenos, talvez ele e D tivessem mentido em relação a quem entornara o sumo de cereja no tapete do salão. Talvez uma ou duas vezes, quando era bebé, tivesse abanado a cabeça quando lhe perguntaram se fizera as necessidades nas calças. Mas estas mentiras breves (e inócuas, segundo acreditava J, apesar do que a mentira podia causar) eram facilmente eliminadas com uma palmada da mão enluvada vermelha. O P.A.I. era muito bom a extrair a verdade aos seus rapazes, como se tivesse pás invisíveis que escavavam até a desenterrarem.

— J?

J lembrou-se do livro de Lawrence Luxley sobre soldados, *Grandes Cavalos*. Lembrou-se de um soldado em particular, um general chamado Sam. Sam, Q fizera notar, vestia-se de forma semelhante aos Inspetores. Um uniforme de lã cinzento que parecia sempre

demasiado quente, apesar de a temperatura parecer baixar gradualmente durante a Inspeção. Um quépi cinzento. Uma faixa dourada e um cinto castanho. Botas pretas. Durante toda a obra, Sam teve uma sensação semelhante à que J estava a ter agora: Sam tinha informações que não sabia se devia revelar às suas tropas. Luxley fizera um excelente trabalho a destacar este facto, um monólogo interior de quase 20 páginas em que Sam pesava as mentiras e a hora certa e errada para as usar. No final, determinou que não havia uma boa altura para o fazer e que as suas tropas mereciam saber a verdade, mesmo que as prejudicasse. Mas J leu algo mais profundo nesse monólogo, para além dos simples méritos da honestidade: o general Sam estava com medo. Não o medo que a Família ensinara afetosamente os Rapazes-Alfabeto a sentirem — ou seja, o medo *de si próprios* e das coisas que poderiam fazer *a si próprios* se não seguissem as leis da Torre. Antes... temia *por si*.

— Porquê? — perguntou em voz alta. Ambos os Inspetores inclinaram a cabeça como o cão acabara de fazer.

— O quê? — perguntou o P.A.I.

Mais uma vez, as aulas de Psicologia do professor Gulch agitaram-se como uma revoada de pássaros na mente subitamente perturbada de J.

Sam, J sabia, sentia-se dividido. J sentia o mesmo, exposto sob as luzes fluorescentes da Sala de Exames. Afinal, a iluminação forte revelava todas as rugas nos rostos dos Inspetores, sulcos que diziam aos rapazes a idade real daqueles homens, mesmo que o sol no Jardim não a revelasse. E o inverso era verdade em relação aos rapazes. A sua juventude nunca era tão óbvia como quando despiam o pijama e o dobravam e pousavam na mesa do canto, junto à porta. Os rapazes conseguiam ver muito melhor o seu corpo ali do que quando estavam no duche... revelações que frequentemente os alarmavam. Estendendo o braço, olhando para a barriga, levantando um joelho, os rapazes quase conseguiam ver o sistema de túneis e pontes que as veias e artérias formavam sob a pele. Uma borbulha, aparentemente normal à luz do salão, podia revelar ser Placasores na Sala de Exames. Os pelos finos dos braços pareciam costurados na pele.

Os nós dos dedos e os dedos dos pés pareciam couro velho. O umbigo parecia um buraco. As unhas pareciam madeira morta.

E, às vezes, J sentia que conseguia ver ainda mais do que os detalhes pouco lisonjeiros do seu corpo. Às vezes, parecia-lhe que conseguia ver motivações ali na Sala de Exames, breves vislumbres da verdade, o que quer que isso fosse.

— J — repetiu o P.A.I. A sua voz denotava impaciência. Por muito afetuoso que fosse para com os seus 24 rapazes, o P.A.I. era, sem dúvida, o homem mais impaciente entre as paredes da Torre. — Vamos lá. Diz. Tens uma teoria em relação ao que suscitou esse sonho.

J encolheu-se ao ouvir o aumento súbito de volume da voz, como se o homem se tivesse transportado em silêncio sobre o chão frio e os seus lábios estivessem a menos de um centímetro do ouvido de J.

— *Conta-me.*

Era verdade; J tinha realmente uma teoria para o P.A.I. Era para isso que os Rapazes-Alfabeto eram educados.

Para pensar.

Mas J estava a pensar em A ou Z, impossivelmente móvel, agachado e estático.

Conta-lhe, pensou J. Mas uma voz mais profunda contra-argumentou. Uma voz que parecia pertencer a um irmão sábio.

Um irmão morto?

— Estou a pensar — respondeu J. — Quero expressar isto da maneira certa.

Deveria ter acordado Q na noite anterior, era isso que deveria ter feito. Pensara fazê-lo, claro. Já por outras vezes, os rapazes do Piso 8 tinham-se escondido nos quartos uns dos outros quando surgia uma tempestade particularmente poderosa. Ou quando tinham um pesadelo igualmente assustador. J batera à porta de Q um mês antes, porque se sentia maldisposto e esperava que Q ainda tivesse um pouco da sopa do jantar. Mas, na noite anterior, apesar de desejar a confirmação, ficara junto à grande janela do seu quarto que dava para o Jardim, uma janela que tinha quase a largura da parede. Sabia que Q teria algo inteligente a dizer, que talvez até pudesse provar-lhe que a forma era apenas uma combinação infeliz de ramos, folhas

e do luar. Porque era provável que o que J vira não passasse de uma combinação de elementos inertes e não sencientes. No entanto... J sentiu que havia conhecimento que vinha daquele bosque.

J sentiu vida. Ou algo parecido.

Sentiste que estavas a ser observado, foi o que foi.

— Acho que é por causa da mudança de pisos que se avizinha — disse J. — Cresci com o D, o L e o Q. Mudar-me... não sei. Concordo que é uma escolha justa da Família, para promover experiências novas e forjar novos laços, mas também é um pouco...

J sentiu o toque frio do couro sobre o seu ombro.

— Um pouco como se estivesses perdido? — perguntou o P.A.I.

Docemente, o P.A.I. virou J, para o voltar para si. A lâmpada estava diretamente sobre a cabeça do homem, e partes do seu rosto estavam ocultas pelas sombras. J pensou que o rosto do P.A.I. parecia completamente coberto de pelo, como se as sombras que se projetavam sobre ele fossem na verdade a barba a crescer, a subir-lhe até aos olhos brilhantes, até à popa espessa que parecia pelo denso.

— Sim. — J engoliu em seco. — Foi muito como estar perdido. — Olhou para trás do P.A.I., para o bloco que estava pousado na mesa de aço. Havia muita atividade naquela página. Muitas anotações.

A Inspeção, pensou J novamente, começa no momento em que entramos por aquela porta.

O P.A.I. não assentiu. Não sorriu. Limitou-se a fitá-lo. J sentiu-se como se o homem estivesse de facto a escavar com aquelas pás, a vasculhar a sua mente à procura de uma causa melhor para o sonho do que a mudança de pisos que se avizinhava.

Então, a expressão do P.A.I. mudou, apenas um pouco. Semicerrou ambos os olhos e levantou o canto direito da boca. O suficiente para sugerir afeto.

— Eu entendo — disse o P.A.I. — E estou certo de que vou ouvir outras histórias como a tua hoje, durante as Inspeções matinais. — Não deu uma palmadinha no ombro de J e dirigiu-se novamente para a secretária. Não voltou a referir o assunto. Em vez disso, continuou a fitá-lo. — Acabo de ter uma ideia maravilhosa — disse. — E se inventássemos uma forma de conseguires comunicar-me

diretamente os teus pensamentos, as tuas emoções? Algo que pudéssemos partilhar, nós os dois. Talvez um caderno. Tu tomas notas e... entregas-mas. Ora, podíamos ser uma espécie de amigos por correspondência.

Nada sabia melhor do que receber aquela atenção individual do P.A.I.

— Isso seria... muito bom — disse J.

— Pois seria. Excelente.

No entanto, enquanto o P.A.I. continuava a fitá-lo, a estudá-lo, a lista habitual de doenças cruzou a mente de J. O motivo, segundo fora dito aos rapazes há muito tempo, pelo qual faziam as Inspeções.

Vees. Rotts. Placadores.

O P.A.I. estaria à procura delas? E conseguiria vê-las nos olhos de J? Conseguiria detetá-las num caderno?

— Senhores... — disse o P.A.I. Estalou os dedos enluvados. Um som quase tão familiar como a própria palavra *Inspeção* que ecoou do altifalante com rede metálica no corredor.

Collins e Jeffrey pegaram nas lupas e avançaram. O P.A.I. afastou-se, mas não voltou para a secretária. J, virando-se novamente para os Inspetores, ainda sentia a presença muito próxima do P.A.I., perto dele com os braços cruzados, com as luvas de couro a agarrarem as mangas do casaco vermelho. Tanto Collins como Jeffrey olharam para o P.A.I. com a mesma expressão que J imaginava que ele próprio tinha estampada no rosto. Algo que era um pouco mais do que confusão. Um pouco menos do que medo.

O P.A.I. nunca assistira a uma Inspeção de tão perto.

Porque é que escolhera esta?

Histeria, pensou J, e decidiu que era a última vez que ia permitir-se pensar naquilo. Eram só os ramos mais baixos do Senhor Árvore. Era tão natural como as cerejas no Pomar. E um irmão morto agachado lá fora à meia-noite era... era... *histeria*.

Não. Não estava a esconder nada, porque não havia nada para esconder.

— Continuem — disse o P.A.I., com uma voz que era como água corrente por cima do ombro de J. A água tornou-se uma onda

e, nessa onda, J imaginou uma figura agachada atrás do Senhor Árvore. — Quero certificar-me de que o J entende que, à luz deste pesadelo, a Família está a cuidar dele e estará sempre aqui para o proteger. Através da Inspeção. — Os Inspetores apontaram as lupas ao corpo nu de J. O P.A.I. continuou a falar. Perto. Demasiado perto. — Quero que saibas, J, que se algo como o que viveste no teu sonho viesse a acontecer na vida real... por muito impossível que pareça... não terias de ter medo de não encontrar o caminho de regresso à Torre.

— Levanta — disse Collins. J levantou ambos os braços e os Inspetores apontaram as lupas às suas axilas.

— Se alguma vez te afastares demasiado, J, meu J — disse o P.A.I. —, a Família vai encontrar-te.

RELATÓRIO BURT: 1 DE NOVEMBRO DE 2019

Para Ler ao Acordar

Vou abordar diretamente o assunto: se é ordem o que o Richard mais valoriza naquilo a que chamou «Os Anos Delicados», então esta não é a melhor altura para trocar os rapazes de quarto. Basicamente: o Richard está certo — aos 12 anos, os rapazes estão a aproximar-se muito do momento em que experienciam um nível de sexualidade que não se compara com nada que tenham vivido até agora. É uma fase que todos nós, adultos, conhecemos bem. E lembramo-nos de como tudo se tornou vívido um ou dois anos depois dos 12? Como tudo se tornou simultaneamente assustador e emocionante? Mais importante ainda, como as emoções ficaram ao rubro? (NOTA: Richard, sei que não gosta que me dirija a si diretamente nos meus relatórios, mas preciso de evidenciar isto: tem de tentar recordar-se do seu próprio desabrochar, porque não há nada mais forte neste mundo do que a sexualidade masculina a despertar. Agora, multiplique isso por 24.) Não me surpreenderia se descobrisse, ao ler os relatórios da Inspeção de hoje, que muitos rapazes já estão a expressar ansiedade em relação à mudança de quarto. Alguns podem expressar raiva. Alguns até podem mentir. A minha intenção ao incluir

esta última parte não é causar medo ao Richard e não tenho certamente a intenção de o menosprezar, simplesmente... acredito que é verdade. Os adolescentes mentem porque ainda não têm noção de que as suas emoções conflituosas são naturais. Os Rapazes-Alfabeto estão à porta da adolescência. E num ambiente como a Família, nem sequer têm um exemplo como o que é habitualmente dado um ano ou dois antes... pelas raparigas.

Esta é uma das muitas dificuldades de os privar do conhecimento da existência do sexo feminino. Mas não há dúvida de que nos preparámos para ela.

Ora, a lógica do Richard para instituir a mudança de quartos nesta altura é válida. Em vez de deambularem pelos corredores da Família, confusos e inquietos, culpam a mudança pela sua ansiedade crescente, o que lhes dá um ponto focal fácil de evitar e lhes permite prosseguir com os seus estudos, como o Richard argumenta que farão. Esta lógica faz sentido, sim, mas é um substituto temporário e acabará por desaparecer. E quando o desconforto causado pela mudança desaparecer... a que é que os rapazes atribuirão a culpa das suas emoções súbitas? Conheço o Richard suficientemente bem para acreditar que tem uma segunda distração planeada... e uma terceira... e o que deve ser um autêntico baralho de cartas completo, já preparadas para serem dadas, novas preocupações, novas inquietações, até os rapazes se tornarem visivelmente confortáveis com as novas emoções que despertam dentro deles.

Os relatórios das Inspeções revelarão quando esse dia tiver chegado. São realmente Anos Delicados.

Mas se vou contrariar o Richard e o seu uso de distrações no que se revelará um esforço fútil no final, tenho de dar um contributo para a discussão. Tenho de poder oferecer uma solução alternativa para a forma como nós, a Família, lidamos com esta revolução sexual (não se iluda, Richard; vai haver uma revolução em cada um dos nossos rapazes. Vai haver sangue derramado nos seus campos de batalha privados). Assim, deixo aqui as minhas cinco propostas de soluções:

1) Incentivar os rapazes a dedicarem-se mais às artes. Claro que não podemos revelar-lhes a natureza da procriação. Não faz mal; como a Constituição da Família declara claramente, não temos o objetivo de

criar biólogos e, embora o gênio possa assumir muitas formas, os Rapazes-Alfabeto estão a ser criados para se tornarem os melhores engenheiros, cientistas e matemáticos do mundo. ARTIGO UM da CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA: O SEXO OPOSTO É UMA DISTRAÇÃO PARA O GÊNIO. Toda a experiência do Richard se baseia neste artigo inicial, a base da Família. Assim, enquanto outros rapazes da idade deles, ou alguns anos mais velhos, passam dois terços dos seus dias a tentar cortejar raparigas (e/ou simplesmente impressioná-las), os Rapazes-Alfabeto estarão a trabalhar três vezes mais nas disciplinas acima mencionadas. E, no entanto... têm de ter um escape. As artes podem ser esse escape. Não creio que as leituras lúdicas da autoria de Lawrence Luxley possam satisfazer essa necessidade. As artes, artes boas, artes incentivadoras, podem ser uma atividade mais refinada, uma espécie de balde que apanhará a torrente de sexualidade que emana dos seus ouvidos e olhos. Não se iluda, os rapazes vão mudar, de formas significativas, a níveis que a Família nunca viu até aqui.

X é um bom artista. G já revelou alguns sinais. A meu ver, as Vozes não bastam. Por muito magnífico que esse coro se tenha tornado.

Pintar um motivo abstrato, cantar um non sequitur... atividades como estas podem aplacar as emoções incompreensíveis e desancoradas que eles experienciarão.

Como sempre, oferecerei mais informações acerca disto mais tarde.

2) Tentar influenciar os sonhos deles. Sugestões subliminares por parte da Família podem levar os rapazes a sonharem com coisas específicas, coisas calmantes, visões e imagens que podem tomar o lugar de uma sexualidade da qual intencionalmente (da nossa parte) não sabem nada. Deixo aqui um exemplo (mas podemos discutir este assunto pessoalmente e em pormenor): pendurar imagens coloridas de colinas ou de paisagens desérticas à porta do quarto do rapaz mais popular de cada piso da Torre. Por outras palavras: o quarto onde os rapazes têm tendência para passar mais tempo reunidos, e usar uma representação de uma paisagem que sugira as formas de um corpo nu. Talvez esta pequena dádiva (da nossa parte) possa mitigar (momentaneamente) a necessidade crescente que cada um deles estará a sentir.

Como em todas estas sugestões indicadas, seguir-se-ão mais informações posteriormente.

3) *Incentivar os rapazes a dedicarem-se a esforços desportivos. Já o fazemos, mas talvez não com a intensidade que deveríamos. É sabido (e bem documentado, claro) que o Richard preferiria que os rapazes não dedicassem mais de dez por cento dos seus dias a atividades físicas, mas os Anos Delicados não anunciam apenas a chegada de um dilúvio emocional; os rapazes precisarão de um escape físico. Porque não ordenar um decreto desportivo: UMA VOLTA AO POMAR, que constitui uma experiência de cinco quilómetros, a extensão das corridas em que os outros rapazes da idade deles estão certamente a participar noutras partes do mundo. Se esta ideia não estiver de acordo com os gostos do Richard, sugiro a aquisição de passadeiras de corrida e a instalação destas nos quartos de todos os rapazes; sabe-se lá a que horas da noite sentirão a necessidade de gastar energia. A minha suposição é de que serão TODAS. TODAS as horas da noite. E todas as horas do dia.*

4) *Limitar a parte física da Inspeção e expandir a investigação emocional. Conforme já expus, os rapazes têm muito a ganhar em abordar as emoções abstratas que estarão (que já estão!) a sentir, e não importa se entendem completamente a sua «nova personalidade». Como nós, adultos, já sabemos: não existe um «conhecimento de si próprio», não total, apenas tentativas de o alcançar que irão certamente aliviar a dor.*

5) *Reconsiderar o Artigo Dezasseis da Constituição da Família, no qual o Richard (obrigado, é certo) incluiu a regra que dita que em nenhuma circunstância, por muito difíceis que os Anos Delicados se revelem, os Rapazes-Alfabeto serão submetidos a alguma forma de castração. No entanto... já perdemos o A e o Z para fins muito mais terríveis. Talvez esteja na altura de considerarmos a possibilidade de remover a sexualidade cuja aproximação o Richard tanto teme? NOTA: Falta um ano ou dois. Planeie agora.*

Resumindo, o Richard e a Família devem lidar com a torrente de sexualidade que se avizinha através da abstração ou (pedindo perdão pelo trocadilho) cortar o mal pela raiz. A minha opinião profissional é a de que uma série de distrações (como, por exemplo, a mudança de pisos) só irá condensar o problema, aumentando a curiosidade dos rapazes, a sua sede de respostas, até o seu comportamento alcançar um nível que não se compara com nada que já tenhamos visto, ou até infringirem as regras

centrais da Família e todos os esforços e jurisprudência do Richard se perderem.

O génio pode ser distraído pelo sexo oposto, mas a sexualidade propriamente dita não é tão fácil de distrair.

(Agradeço-lhe o seu tempo, Richard, e aguardo a possibilidade de falarmos pessoalmente quando voltarmos a encontrar-nos no Túnel de Glasgow.)

A Sala dos Corpos Antes do Pequeno-Almoço

Imediatamente antes do pequeno-almoço, os rapazes foram informados de que o P.A.I. iria fazer um discurso. Este, obviamente, teria lugar na Sala dos Corpos, que recebera este nome, segundo J supunha, por causa do grande número de corpos que conseguiam caber na sala de concertos de tetos altos, com paredes revestidas a madeira, sempre que o P.A.I. tinha algo importante a dizer.

Todos eles. Todos os corpos. Dos Rapazes-Alfabeto aos Inspectores, do professor Gulch aos cozinheiros. Até o próprio Lawrence Luxley, que J e os outros sempre adoravam ver ao vivo. Os enfermeiros, os empregados da limpeza, os técnicos de saúde e os canalizadores.

A Família.

A palavra *Discurso*, tal como a palavra *Inspecção*, mudara ao longo dos anos. Invocava uma emoção agora muito diferente da que invocara quando os rapazes eram pequenos e, supostamente, invocaria algo diferente dali a alguns anos. Quando os rapazes eram pequenos, os discursos do P.A.I. não significavam praticamente nada; J lembrava-se basicamente de ver a nuca dos outros rapazes, as costas dos seus assentos, e as sílabas sombrias e sonoras das palavras do P.A.I. a ecoarem pelas paredes que pareciam erguer-se em direcção ao céu. Nesses tempos, bastava uma olhadela rápida para a outra ponta da sala, para D ou F, e J mal conseguia conter uma onda de riso incontrolável.

Mas as coisas tinham mudado.

*

Richard compreendia isto melhor do que ninguém. Fizera planos a contar com isso.

Não importa, segundo dizia um dos primeiros Relatórios Burt, se os rapazes assimilam o que o Richard diz. O objetivo é promover uma sensação de deslumbramento, plano que estava, sem dúvida, a resultar, tendo em conta a expressão de espanto nos rostos que o observavam enquanto fazia os seus discursos.

Os Rapazes-Alfabeto não tinham sido apresentados ao conceito de Deus. Para Richard, a obediência sobrepunha-se à religião.

Naquela manhã, terminadas as Inspeções, Richard tinha numa mão o Relatório Burt daquele dia e na outra um copo de whisky. Releu metade da primeira frase do texto:

Vou abordar diretamente o assunto: se é ordem o que o Richard mais valoriza naquilo a que chamou «Os Anos Delicados»...

Pousou as folhas na secretária. Apesar da neve fraca que caía do lado de fora da sua janela do rés do chão, sentia-se quente. Levantou-se da secretária e avançou para o espelho de corpo inteiro pendurado atrás da porta.

— Estás com bom aspeto — disse. — Não pareces o pai de 24 rapazes de 12 anos.

O número fora em tempos 26 e, tendo folheado o relatório, notara que Burt mencionara A e Z, apesar das ordens explícitas de Richard para não o fazer.

... já perdemos o A e o Z para fins muito mais terríveis...

Despiu o casaco vermelho, expondo a camisola interior sem mangas que usava por baixo. Os músculos dos seus ombros e braços pareciam fortes sob a luz suave. A barba era negra como a desinformação.

No início, após o lançamento bem-sucedido da Família, Richard tinha consciência de que precisava de encher a Torre com uma profunda sensação de caráter. Ele tinha o dever de comunicar a filosofia da Família. Tinha o dever de concretizar tudo o que afirmara que aquele lugar podia ser. Nesses tempos, não era invulgar sentir-se pressionado pelos Inspetores que contratara, que um ano antes não passavam de simples presidiários, sentir-se observado por eles

e pelos cozinheiros, professores e autores de livros académicos, todos eles ex-condenados, enquanto fazia os seus discursos para os (na altura) 26 rapazes pequenos na Sala dos Corpos. Burt começara a chamar-lhes os Rapazes-Alfabeto (nome que agradava muito a Richard, enquanto P.A.I. deles). Um nome para cada letra do alfabeto.

A

B

C...

Sim, nesses tempos, Richard fazia os seus discursos para benefício dos funcionários, independentemente de se dirigir a eles ou não. Foi realmente emocionante quando, cinco anos após o início da experiência, Richard detetou pela primeira vez compreensão nos olhos dos seus rapazes, conhecimento transferido, do púlpito a P, do discurso a cada um deles.

E agora... os Anos Delicados aproximavam-se. Richard já não podia influenciar subconscientemente os rapazes, através de sensações, uma noção vaga, mas poderosa, de que existem regras e de que não podem infringi-las. Com os Anos Delicados chegava a atenção total de rapazes perspicazes. Rapazes inteligentes. Rapazes que podiam, e iriam, analisar cada uma das palavras que Richard escolhesse usar.

Sorriu para o espelho. Não era a primeira vez que os seus rapazes iam contra os estereótipos: no mundo fora da Família, os adolescentes paravam de dar ouvidos aos pais.

Richard fletiu os bíceps envelhecidos, franziu a testa ao observá-los no espelho e voltou a vestir o casaco. Leria o Relatório Burt mais tarde. Psiquiatra da equipa, Burt infringia mais regras numa página escrita do que era permitido aos outros funcionários em toda uma década.

Dirigindo-se diretamente a Richard. Mencionando A e Z.

Deixou os seus aposentos e foi cumprimentado por dois guardas à paisana do outro lado da porta. Ambos estavam armados. Richard reconheceu a admiração nos seus olhos — como se fosse uma celebridade, o pastor da sua igreja.

Ainda tinha aquele dom, sabia que sim. Doze anos depois.

— Vão lá e espalhem um pouco de entusiasmo, sim? — disse Richard, enquanto eles o seguiam pelo corredor revestido a mosaicos pretos e que conduzia à Sala dos Corpos. — Mostrem-lhes que não há nada de mal num homem deixar-se tomar pelas suas paixões, por muito perigosas que algumas possam ser. Chegou o momento dos homens radiantes.

Richard fez uma pausa e voltou-se para encarar Bobby, o guarda com pouco cabelo que em tempos fora um ladrão de carros e que passara três anos na cadeia por furto. Às vezes, Richard perguntava-se se os seus funcionários não tinham simplesmente trocado as drogas e a bebida, a prisão, pela Família.

— Deus! Está a suar, Bobby. Sentes?

Do outro lado das paredes envidraçadas da sala, nevava. Richard aproximou-se do vidro e olhou para o Jardim. Ao longe, no meio da névoa, os pinheiros montavam a guarda.

— Está na altura de mandar entrar o novo pai — disse. — E os seus novos filhos.

A grandeza, dissera em tempos Richard a um antigo guarda, pousando-lhe uma mão no ombro da camisa aos quadrados e de manga curta, imediatamente antes de o mandar para o Canto, não é uma visão bonita. Se estudarmos o rosto dos maiores pensadores do mundo, notaremos uma desilusão otimista. Exaustão. Que esta seja a última lição que aprendes, Brad: a exaustão não se alcança ficando parado. Temos de nos mover para a alcançarmos. E o movimento vai dar-te essas rugas de preocupação, esse cabelo escasso, e os teus olhos em tempos brilhantes ficarão baços do choque. Diz-me, Brad, o que preferes? Um rosto simples e fácil de ler ou os nós dos dedos ensanguentados de um homem que bateu à porta do seu interior sagrado?

O guarda Brad já tinha visto outras portas a fecharem-se diante dele. Passara quatro anos detido em Jackson por atos de violência. Mas nunca vira nada como o Canto.

— Bem-vindo à Família — disse agora Richard, ainda a observar a queda de neve matinal através das paredes envidraçadas da sala.

O som súbito de um coro, os Rapazes-Alfabeto a cantarem na Sala dos Corpos, interrompeu o seu devaneio. Nos olhos de Bobby, viu o lado negro da Família, a porta do Canto a fechar-se. Richard pensou ter ouvido a porta a ranger.

Richard sorriu. Não era o Canto, mas Gordon a emergir dos seus aposentos no rés do chão. O assistente-chefe do P.A.I. parecia maravilhosamente infalível, como sempre. O seu cabelo negro brilhante parecia uma massa compacta, o rosto e o cabelo de um soldadinho de plástico com um fato de mil dólares.

— Richard — disse Gordon —, leu o Relatório Burt?

— Li parte.

— Bem, tenho *muito* a dizer acerca das cinco alternativas que Burt sugeriu para a mudança de pisos. A sério, que descaramento! E lamento que tenha mencionado os dois rapazes.

— O A e o Z — disse Richard. Ficou momentaneamente em silêncio. — E eu acabo de repetir os nomes.

A harmonia das Vozes em seis partes parecia emergir de uma única boca sagrada. Uma nota menor, triste como a morte dos seus irmãos, A e Z.

Rapazes estragados. Arruinados.

Richard fechou os olhos. Virou as costas aos flocos de neve que caíam e dirigiu-se para a Sala dos Corpos, para o som do canto dos seus rapazes.

— Sim — concordou Gordon, anotando as palavras de Richard numa prancheta. — Mas o Richard não devia ser obrigado a pensar neles antes de fazer um discurso. Foi abusador, coisa que Burt é frequentemente.

— Acha que mudei, Gordon? — perguntou Richard, com os olhos novamente abertos e as botas a baterem nos mosaicos negros. À sua frente, o último dos rapazes — H, vestido de preto — entrava a correr pelas portas da Sala dos Corpos.

— Mudou em que sentido, senhor?

— Ainda valorizo as mesmas coisas que valorizava?

— Manteve-se fiel à sua visão, senhor.

— Sim. E, no entanto...

— O Relatório Burt perturbou-o. É só isso.

— Tenho medo, Gordon.

Da Sala dos Corpos, as vozes subiram, alcançando um pico que soava como um lamento. Richard parou junto à porta. Olhou para o coro, os seis rapazes que estavam a cantar naquele dia. Com as suas calças pretas e camisolas de gola alta pretas, só os rostos brilhavam, feições que flutuavam nas sombras, sob os arcos da Sala dos Corpos. O eco do seu coro somava fantasmas ao seu número reduzido.

Richard apreciou a visão. O coro da Família, as Vozes. Os outros rapazes, também vestidos de preto, estavam sentados nos bancos. O corredor central estava coberto com um tapete branco. O pódio no palco mergulhado nas sombras. Os funcionários alinhados ao longo das paredes como guardas.

Ou talvez como vítimas de um pelotão de fuzilamento.

Richard avistou Warren Bratt, desleixado e obeso, curvado e de sobrolho franzido.

— Do que é que tem medo? — perguntou Gordon.

As luzes da Sala dos Corpos refletiram-se nos óculos de Bratt e Richard não conseguiu perceber se o autor cínico estava a olhar para ele ou não.

— De surpresas — respondeu Richard.

Respirou fundo e entrou na sala. Gordon seguiu-o.

Enquanto Richard percorria a passadeira branca, o seu casaco e as suas calças vermelhas a parecerem sangue derramado, foi engolido pelo som mórbido das Vozes, que hoje eram executadas pelos rapazes do Piso 8, acompanhados por F e W. Apesar de Richard ter proibido completamente a religião na Família, os rapazes estavam a cantar o *Agnus Dei* de Barber. Era uma tolice puramente estética para todos eles; não tinham o menor conhecimento de latim.

Os seus rapazes. Os seus Rapazes-Alfabeto.

Oh, como o olharam. Com uma expressão carregada de admiração. Até mesmo os que cantavam: J e D, L e Q, F e W. Quando as vozes subiram até ao Mural da Ambição no teto alto da Sala dos Corpos, fizeram-no num tom uniforme, parecendo dar dimensão à imagem do homem sem camisa que levantava um pedregulho com

a mente. Os rapazes de preto, os rapazes nos bancos, alguns a sussurrarem, alguns a trocarem cotoveladas, fixaram-se todos no homem vestido de couro vermelho, uma ferida que agora se movia na passadeira branca em direção ao palco. Quando Richard subiu os degraus, enquanto Gordon e os guardas se dirigiam apressadamente para os lados do palco para se juntarem aos outros funcionários, muitos dos rapazes respiraram fundo. Tinham estado com ele apenas momentos antes, nas suas Inspeções individuais, mas ver o P.A.I. no pódio da Sala dos Corpos era sempre impressionante. Olhando para a direita, Richard sorriu na direção de Warren Bratt, sem revelar a sua opinião sobre a aparência descuidada e amarrotada do autor cada vez mais careca. Então, Richard fez sinal aos rapazes das Vozes para pararem de cantar, e a última nota da música demorou ainda um pouco a morrer.

Os rapazes das Vozes sentaram-se.

Richard inclinou-se para o microfone, até sentir o metal frio tocar-lhe na barba.

Fez o seu discurso.

— RAPAZES! Não vou tomar-vos muito tempo. Imagino que tenham fome e que já estejam a sentir o cheiro do pequeno-almoço. Agradeço-vos, a cada um de vocês, por se terem reunido aqui apesar de vos ter convocado com tão pouca antecedência. Estes eventos na Sala dos Corpos são, como bem sabem, tão raros que a minha convocação deles tem de significar alguma coisa, ou pelo menos de significar que há algo que preciso de dizer.

Richard fez uma pausa. Tinha começado com «linguagem simples». A sugestão viera de Gordon, muitos anos antes: *Faça-os descontraír com algo sem importância, Richard, e depois entregue a mensagem ao estilo Cavalo de Troia.*

— Antes de mais, quero dar-vos os parabéns por algumas das melhores Inspeções que tivemos em muitos anos. A vossa franqueza, a vossa honestidade e a vossa transparência são valorizadas acima de tudo. Trouxeram lágrimas aos olhos do vosso P.A.I.

— Amamo-lo, P.A.I.!

F gritou. O divertido F. Richard sorriu e ergueu uma palma aberta, para silenciar os murmúrios que o rapaz inspirou.

— Obrigado, F. Também te amo. Amo-vos a todos e hoje estou especialmente orgulhoso de vocês. — Olhou diretamente para J. Os olhos de J estavam parcialmente ocultos pela sua franja negra. Richard mal conseguia distinguir as esferas inocentes que olhavam para ele em busca de respostas para tudo na vida. — Mas não estaria a ser honesto comigo próprio se dissesse que foi apenas através das Inspeções que concluí que todos vocês estão no caminho certo na vida. Tenho-vos observado muito atentamente, talvez até de maneiras que desconhecem. — Aqui, E e O olharam um para o outro, e Richard viu esperança no seu olhar. *O P.A.I. esteve a observar-nos? Não é tão emocionante?* — Ora, antes da Inspeção desta manhã, ouvi uma conversa maravilhosa entre dois de vocês, sobre uma possível alternativa à gasolina, e não pude deixar de sorrir. Os meus rapazes. Os meus rapazes! Oh, como gostei de ouvir os meus dois rapazes a usarem o poder do seu intelecto em desenvolvimento, a explorarem conceitos de curas, de alternativas, de processo e progresso. Entendem? Conseguem reconhecer a virtude de uma conversa deste tipo, sem dúvida considerada inconsequente pelos dois participantes, e o quanto foi mais importante do que outras conversas que *poderiam* surgir entre rapazes da vossa idade?

Richard inspirou. Aquela última frase fora o que Burt chamava caminhar sobre *gelo fino*. Achava que poderia estar a aproximar-se demasiado da verdade. Mas Richard achava que não. Os rapazes sabiam o que ele queria que soubessem. E que importância tinha que o gelo à superfície fosse fino, se a verdade por baixo dele estava duas vezes mais congelada?

— Acreditam que chegámos a este ponto? Parece-me que ainda ontem o pequeno Y estava a perguntar... porquê? — Alguns rapazes riram-se. — E agora? Agora sou eu que *lhe* pergunto. Porquê? E talvez ele possa responder-me. — As gargalhadas deram lugar ao espanto. Era o que acontecia habitualmente. — Alcançámos tanto, e ainda temos um caminho tão longo pela frente! E, rapazes, meus belos rapazes, isto é o que me incomoda, foi isto que me levou a convocar-vos... hoje.

Richard pensou nas perdas mencionadas no Relatório Burt daquela manhã. A e Z. Os cerra-livros dos Rapazes-Alfabeto.

Uma coincidência (com tantos rapazes que podia perder, perdera justamente aqueles dois?) que quase causou a Richard uma úlcera de preocupação. Foram precisas muitas horas com os médicos da equipa, muitos dias nas entranhas da Torre, com a caldeira a rugir ali perto e o som de duas dúzias de rapazes pequenos um piso acima dele, para Richard se convencer da *probabilidade* de dois em 26 rapazes terem de ter um fim infeliz.

O facto de ter sido o responsável por esse fim não fazia parte da racionalização.

A e Z tinham visto mulheres.

A e Z tinham sido arruinados.

A e Z tinham sido mandados para o Canto.

— Vou contar-vos um segredo. — Richard fez uma pausa dramática. Pareceu surtir efeito. — Muito antes de vocês chegarem à idade que têm agora, eu já chamara a estes tempos... os *Anos Reformadores*. Da mesma forma que irão aperfeiçoar a vossa visão no Evento da Efigie, também irão reformular-se aqui, na Torre. Porquê? Porque é que eu haveria de considerar esta idade diferente de todas as outras? Porque é que eu haveria de considerar esta era mais digna de nota do que a altura em que eram bebês, quando nem conseguiam levantar a cabeça? Vou dizer-vos porquê: aqui... — Eram os Anos Delicados para os funcionários. Eram os Anos Reformadores para os rapazes. — ... vocês iniciaram oficialmente o processo de se emanciparem do vosso pai, de se tornarem homens pelos vossos próprios méritos. — Fez uma pausa, deixando que a seriedade daquelas palavras assentasse. Bem como o medo de perderem a ligação. — Observo-vos no Jardim e no Pomar. Observo-vos às refeições. Leio os vossos relatórios e ouço as vossas reações ao mais recente romance de Luxley. As vossas opiniões são tão sofisticadas como as minhas. Os pensamentos que afastam como insignificantes são tão reveladores como os que julgam importantes. As vossas Inspeções provam-no. Rapazes! Os meus rapazes! Vocês estão a tornar-se homens!

A e Z. A e Z. Os cerra-livros são o que mantêm os livros de pé. Mas os cerra-livros haviam sido levados.

Richard ajustou a gola do casaco.

— É assim quando as coisas correm bem, rapazes.

Os rapazes vestidos de preto. Alguns de gola alta e calças, outros de blazer e camisa. Mas Richard detetou uma mancha branca. Enquanto falava, os seus olhos vaguearam para a pequena mancha de cor: a camisola interior de T aparecia por entre os botões da camisa. Mais um augúrio? Como a coincidência de A e Z?

— Na juventude, a mente demora algum tempo até começar a agir com base nas suas próprias ideias. Lembram-se de quando faziam tudo o que os vossos irmãos faziam? Lembram-se dos tempos em que passavam invariavelmente a noite com os vossos companheiros de piso? Quase incapazes de passar algum tempo a sós, ou simplesmente por não quererem fazê-lo? Vocês eram inseparáveis. Ora, houve alturas em que tivemos de vos separar fisicamente e levar-vos de volta para os vossos quartos. E olhem para vocês agora! Têm interesses individuais. Teorias individuais. Descobriram a beleza da propriedade intelectual. A essência gratificante, a raiz do verdadeiro *génio*. Sabem que tenho razão! Tal como esses primeiros tempos foram importantes para os laços que criaram e para a confiança que ganharam ao ver as vossas ideias e ações aprovadas pelos vossos irmãos, estes novos tempos agora, esta mudança de pele, têm um novo propósito. Podemos dizer que hoje já é o amanhã, tendo em conta a velocidade a que estão a crescer! As vossas opiniões são vossas! Não são minhas! Veem? Eu ensinei-vos quando vocês eram pequenos. Mas agora são quase do meu tamanho!

Teria estabelecido uma noção inegável de paternidade? Ou os rapazes, mais inteligentes do que quaisquer outros rapazes neste mundo, saberiam instintivamente que ele não partilhava o sangue deles? Que não partilhavam os genes?

Que ele não era pai deles?

— Gostaria de poder alcançar cada um de vocês apenas com a minha mente; compreenderiam o quanto valorizo o tempo que têm pela frente, veriam a grande extensão de um Jardim infinito que

precisa de muitos cuidados. Porque qualquer ideia que tenham nos anos que se avizinham é digna de nota, é digna de ser escrita, é digna de ser discutida com os vossos companheiros de piso ou de vos levar até outro piso para participarem numa discussão com rapazes que não veem tanto. Até podem sentir-se inspirados a fazerem um caminho mais longo e virem aos meus aposentos. Nunca é demais destacar o quanto estou disponível para vocês durante estes anos, o quanto estou interessado nos mais pequenos pensamentos que possam ter. As vossas trivialidades são o trabalho da minha vida.

Muitos rapazes trocaram olhares chocados. Um convite do P.A.I. para irem aos seus aposentos? Aquele era sem dúvida um dia importante.

Richard sentiu o suor a pingar-lhe sob a t-shirt sem mangas que usava por baixo do casaco. Sentiu-se feliz. Era sinal de que estava a trabalhar. Significava que estava presente. Significava que estava a fervilhar com as palavras que proferira. A fervilhar diante dos rapazes.

— Pela vossa expressão, parecem já saber do que estou a falar. Vejo que alguns estão a corar. E sabem *porque* é que as palavras que disse estão a afetar-vos? Sabem? — Fez uma pausa. Tentou não olhar para a mancha branca exposta no peito de T. Tentou não pensar em augúrios. — É porque o que estou a dizer é verdade! E todos vocês valorizam a verdade. Aproxima-se uma mudança! E vocês já o sabiam. Não precisavam que eu vos dissesse que os vossos pensamentos mais recentes são os mais fascinantes que já tiveram. Afinal de contas, estão a vivê-los. — Então, subitamente e sem contextualização aparente: — Encontrarão um caderno novo na vossa cama, a seguir ao pequeno-almoço. É azul. Recomendo-vos que tomem nota desses novos pensamentos. Já tirámos as borrachas dos vossos lápis e canetas. Não quero perder um único *momento* disto, destes Anos Reformadores. — Richard fez uma pausa. Tinha-os cativos. Absortos. Os seus rapazes. — Escrevam tudo. Todas as palavras. Expressem os vossos pensamentos mais estranhos. Nada agradecerá mais ao vosso P.A.I. do que receber cadernos azuis cheios, a transbordar com as vossas preocupações e ambições, com os segredos que guardam.

Entendem? Vejo pelos vossos acenos que entendem. Assim, deixo-vos com isto: não me escondam nada. Porque da mesma forma que o vosso intelecto cresceu, também os espaços em que podem esconder-se cresceram. Esconder-se de mim. Do vosso P.A.I. E quem de vocês haveria de querer fazer uma coisa dessas? Quem aqui escolheria esconder aquilo que sabem que o vosso P.A.I. tanto valoriza?

— Ninguém! — gritou S. Mais risos dos rapazes. Desta vez, o riso estava carregado de entusiasmo.

Richard ergueu uma mão aberta.

— Agora... — disse.

Os rapazes agitaram-se nos seus lugares porque sabiam o que se seguia. O P.A.I. terminava sempre os discursos da mesma forma. Ele bateu com os dedos no pódio, uma espécie de rufar de tambores. Imediatamente, a Sala dos Corpos irrompeu em duas palavras simples, quando os rapazes gritaram em coro com o seu P.A.I.:

— *Vamos comer!*

Richard agradeceu ao coro. As Vozes. Os seis rapazes ergueram-se e voltaram para o seu lugar nas sombras.

J disse a D:

— Pensei que o caderno era só para mim. O P.A.I. disse-me que era para mim.

— O quê?

Mas não tiveram tempo para continuar a conversa. E apesar da preocupação óbvia de J, ele e os outros cinco rapazes começaram a cantar em coro o *Miserere mei, Deus*.

Os outros Rapazes-Alfabeto dirigiram-se para as portas da Sala dos Corpos.

Richard desceu do pódio. Os funcionários também se prepararam para sair, mas foi fácil apanhar Warren Bratt.

— Lawrence — disse Richard, referindo-se a ele pelo pseudónimo, não fosse um rapaz estar à escuta —, está com muita fome?

Bratt virou-se para ele, e todas as preocupações de Richard em relação ao autor das leituras lúdicas dos rapazes aumentaram. Warren

Bratt era um ex-*punk* pedante, convencido e egoísta, que em tempos achara que era um grande escritor. Dez anos como Lawrence Luxley tinham contribuído muito para controlar o pedantismo, mas Richard estava a descobrir que, como Burt dissera em tempos, só conseguimos atar as mãos de um artista durante algum tempo, pois ele não tardará a aprender a criar com os pés.

As ideias de Warren para os seus livros estavam a tornar-se perturbadoramente originais. O que não era nada bom.

— Muita — respondeu Warren.

— Está bem. O Gordon vai encontrar-se consigo no seu gabinete a seguir ao pequeno-almoço.

— Porquê?

Richard não fingiu simpatia.

— Acho importante que os livros que os rapazes leem mudem à medida que os seus gostos se alteram.

Warren assentiu.

— Eu sei, Richard. Mas eu gostaria de...

— Ainda bem. Nesse caso, não se importará de discutir o assunto. — Ele estudou Warren da cabeça aos pés. — E lave essa camisa. As manchas de suor fazem parecer que anda a trabalhar demasiado. Como se estivessem a obrigá-lo a escrever coisas que não quer. — Quando passou por Bratt a caminho da saída, com os guardas atrás, acrescentou: — Os rapazes idolatram o Lawrence Luxley. Por favor, mostre-lhes como um génio se veste.

Os Rapazes-Alfabeto Comem

Sentados seis por mesa a quatro grandes mesas redondas, quase todos os Rapazes-Alfabeto pareciam revigorados pelo discurso do P.A.I. na Sala dos Corpos. F, o divertido F, brincava livremente, como se a Família tivesse interdito o estudo naquele dia. Os seus incisivos enormes pareciam especialmente brancos devido ao contraste com a camisa preta e o casaco preto que estava pendurado nas costas da cadeira. J e D costumavam dizer, em tom de brincadeira, que F parecia um «desenho animado vivo». Agora observavam-no a falar, com um sorriso como o que costumavam fazer quando viam os desenhos feitos nas margens dos livros de estudo.

— Olha, W... — disse F. — Hoje, não comes o meu pequeno-almoço. Sei que queres e sei que vais pedir-me os restos, mas não vai sobrar nada para ti. Portanto, a única maneira de comeres a minha comida é se ma tirares do estômago à dentada. — Fez uma pausa, fingindo seriedade enquanto se dirigia ao seu amigo obeso. — Ah... não devia ter-te dado esta ideia, pois não?

J observou os dois rapazes. F e W eram muito amigos. Toda a vida tinham partilhado o piso com P e T. J iria partilhar o piso com algum deles no dia em que chegasse a mudança de pisos? E quantos anos passaria ali?

— O que se passa *contigo*? — perguntou F, apontando dois dedos diretamente a J. — Parece que acabaram de te mandar para o Canto.

— Ora, por favor — interveio L. Sempre conservador e composto. F bufou.

— Oh, para com isso, L — disse. — É bom falar de coisas assustadoras. Suaviza-as um pouco. Mas não vou deixar o J em paz só porque não gostas da maneira como falo. — Sorriu para J. Com os olhos arregalados. F era assim: sempre exagerado.

— Não se passa nada — respondeu J. Mas era óbvio que estava a mentir.

— *Aconteceu* alguma coisa? — perguntou Q. Os óculos de Q aumentavam-lhe os olhos como as lupas dos Inspetores.

— Não... é só que...

— *Ah-ha!* — exclamou F. — Eu sabia! Eu disse-vos! Sou bom ou não sou? — Deu uma cotovelada a W, e W assentiu. — Vamos lá, J. Desembucha.

J tentou pensar depressa. Não podia e não queria contar-lhes que ocultara informações na Inspeção daquela manhã. Não queria parecer histérico aos irmãos, tal como não queria parecê-lo aos olhos da Família.

— Os cadernos — disse J. E quando proferiu aquelas palavras, percebeu que estava mais perturbado do que se dera conta.

— O que é que têm? — perguntou F, com os dentes grandes a franzirem-lhe o lábio superior.

— Bem, na minha Inspeção hoje de manhã, o P.A.I. disse-me que tinha uma ideia só para mim. Falou de um caderno. Para eu escrever. Para escrever... só para ele.

W sorriu e as suas bochechas grandes coraram.

— Estás a falar deste? — Tirou um caderno de debaixo da mesa. Tinha um W grande impresso a preto na capa.

— Traíçoeiro! — disse F. — Já foste buscá-lo ao quarto!

— Sou muito ágil para um rapaz do meu tamanho, F.

Os amigos riram-se. Então, W focou-se novamente em J. Tal como Q, W tinha um olhar especialmente inteligente. Apesar de ser muito calado, dava frequentemente a impressão de saber algo que os outros rapazes não sabiam. Mas ao passo que a inteligência de Q parecia vir da sua curiosidade, a de W estava mais enraizada na Constituição da Família. O próprio P.A.I. dissera que W daria um excelente advogado um dia.

— Seja como for, o que estás a dizer não é verdade — disse W. J sentiu um choque. W acabara de sugerir que J ocultara algo na sua Inspeção?

Mas não. Não era isso.

— O que é que estás a querer dizer? — perguntou J.

W voltou a esconder o caderno debaixo da mesa.

— Há três dias, na aula do professor Kinney, a calculadora do K deixou de funcionar. O Kinney mandou-me ao escritório para ir buscar uma nova.

— Certamente para te incentivar a fazer um pouco de exercício, amigo — provocou F.

W fez um gesto para calar o irmão.

— E o que vi lá? — Reclinou-se na cadeira e cruzou os braços. — Uma pilha de 24 cadernos azuis, cada um com o nosso nome impresso na capa em letras grandes.

— Não estou a entender — disse L.

— Nunca entendes nada — retorquiu F.

— O que o W está a dizer — esclareceu calmamente Q — é que o P.A.I. não pode ter dito ao J que era uma ideia que planeara só para ele, quando três dias antes já tinha posto em prática a mesma ideia para todos nós.

Silêncio à mesa. As vozes dos outros rapazes encheram o espaço do refeitório

Todos olharam para J, à espera de uma explicação. Mas J estava sem palavras. O P.A.I. *dissera-lhe* que a ideia do caderno era só para ele. E a forma como o dissera... como se tivesse acabado de lhe ocorrer...

Subitamente, como se tivessem ligado uma ventoinha numa sala muito quente, J sentiu a culpa a esmorecer. Mas o ar fresco também trouxe frio.

J e o P.A.I. teriam mentido um ao outro no mesmo dia?

Era quase demasiado assustador pensar uma coisa dessas.

— Deves tê-lo entendido mal — disse L. — É tão simples como isso.

— Mas não entendi mal.

— Pobre J — disse F. — Pensava que tinha recebido um pouco de atenção especial e agora descobriu que não era verdade.

— Não estás certamente a sugerir que o P.A.I. te mentiu, J — disse Q.

J pensou no Canto. No pouco que sabia dele. Uma porta na cave da Torre. Uma cave onde nenhum dos rapazes sabia chegar.

— Eu não disse que ele *mentiu* — acrescentou J.

— Claro que não — disse Q. — É a maior tolice que já ouvi.

— Mas *estás* a dizer que ele se enganou — acrescentou W.
— O que é igualmente grave.

Antes que J tivesse a oportunidade de se defender, a campainha tocou e os cozinheiros apareceram com travessas de *waffles*, ovos, fruta e vegetais. Enquanto os rapazes eram servidos, Q falou dos benefícios de comer fruta de manhã e F fingiu esconder a comida de W. Mas J perdera o apetite.

J estava a pensar em mentiras.

Os seus pensamentos absorveram-no de tal forma que deu consigo a reviver mentalmente as palavras exatas do P.A.I. na Sala de Exames. *Acabo de ter uma ideia maravilhosa. E se inventássemos uma forma de conseguires comunicar-me diretamente os teus pensamentos, as tuas emoções? Algo que pudéssemos partilhar, nós os dois. Talvez um caderno. Tu tomas notas e... entregas-mas. Ora, podíamos ser uma espécie de amigos por correspondência.*

Não era propriamente uma mentira. Tecnicamente, o P.A.I. não dissera que a ideia se aplicava só a ele.

Mas, *nós os dois...*

Devia ter ouvido mal. Bastava mudar uma palavra aqui e ali, e o sentido alterava-se completamente. Luxley falara disso num dos seus livros. J não sabia se sentia alívio por pensar na possibilidade de o P.A.I. ter ocultado a verdade, ou se a ideia o assustava mais ainda do que o conceito vago de uma porta na cave. Essa porta estaria por baixo dele naquele momento? Por baixo da cadeira onde estava sentado?

— Come, J — disse F. — Senão, o W vai saltar por cima da mesa.

— Sou bem capaz disso — acrescentou W. Pela maneira como o disse, J não conseguiu deixar de sentir que W estava zangado com

ele. Como se o rapaz corpulento estivesse a lembrá-lo de que sugerira uma coisa errada. Muito errada.

J brincou com a comida antes de a comer. Até que percebeu, pela primeira vez na sua jovem vida, que era possível continuar, comer e dormir, conversar e talvez até estudar, enquanto o mundo à sua volta... mudava.

— Foi um grande discurso — disse F. — Deve ter sido escrito pelo Luxley.

— O Luxley não escreve os discursos — retorquiu D.

— Ah, não? Como é que sabes? — perguntou J.

D encolheu os ombros.

— Dá para perceber. Não têm a mesma energia.

F agitou as mãos no ar.

— Vocês estão a ouvir o que estão a dizer? Um sugere que o P.A.I. lhe mentiu e o outro diz que o Lawrence Luxley tem mais energia que o nosso pai! Talvez a mudança de pisos seja uma coisa boa. Vocês estão a precisar de se distanciar um do outro.

Ele riu-se, mas J e D trocaram um olhar por cima da mesa.

— Eu não disse que ele mentiu — reiterou J. — Nunca mais digas uma coisa dessas. De certeza que eu só... — Fez uma pausa.

— Entendi mal. Ele não disse o que pensei que disse.

— Não me digas! — respondeu L. — Agora podemos mudar de assunto?

Foi o que fizeram. J comeu ao som da conversa dos outros rapazes, sobre Lawrence Luxley e os professores Gulch e Kinney. O jogo da Bola Amarela e a Noite de Cinema. Comeu ao som do ritmo irregular dos seus pensamentos, enquanto as palavras se repetiam na sua cabeça — *eu não disse que ele mentiu, eu não disse que ele mentiu* — e contrastavam com a outra ideia que competia pelo espaço na sua mente:

Mas acho que talvez o tenha feito.

J É ALUNO DE UMA ESCOLA MUITO PECULIAR.
J ESTÁ A SER TREINADO PARA SE TORNAR UM GÊNIO.
J NÃO SABE, MAS A SUA VIDA É UMA MENTIRA.

Nas profundezas de uma floresta isolada, há uma escola restrita onde 26 rapazes são educados para se tornarem prodígios das artes, ciências e atletismo. Versões melhoradas do ser humano inspecionadas todos os dias, de modo a evitar qualquer tipo de mácula vinda do exterior.

Aos 12 anos, J e os seus irmãos desconhecem o mundo que existe para lá da redoma mantida pelos professores, guardas e disciplina do fundador da escola — que os rapazes conhecem como P.A.I. Mas enquanto a maioria dos alunos segue à risca as regras da única família que conhece, J começa a detetar pequenas falhas, que aguçam a sua curiosidade. Contudo, depois das advertências do P.A.I., que o proíbe terminantemente de explorar o que lhe é interdito, J sabe que o castigo para a desobediência é pesado: expulsão definitiva da família... ou pior.

Atormentado pela dúvida e pelo comportamento errático do fundador, J não consegue deixar de se questionar: por que razão os alunos não podem transpor os limites da escola? O que é que há lá fora que eles não podem ver? E, acima de tudo... o que pretende o P.A.I. fazer com os 26 rapazes?

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-612-3



9 789896 686123

Literatura Fantástica